

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

Corruption, Modes of Entry and Performance of Subsidiaries of Multinational Companies from Emerging Countries

Diogo Klaesener¹

Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB
diogok17@hotmail.com

Mohamed Amal¹

Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB e UNIVALI
mohamedamal.amal@gmail.com

Christian Daniel Falaster¹

Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB
cfalaster@furb.br

Resumo: Corrupção, definida como o abuso do poder público para ganhos privados, tem sido o objeto de estudos teóricos e empíricos na literatura recente de Negócios Internacionais. Com o objetivo de contribuir empiricamente com esta temática, o propósito do presente artigo é analisar os efeitos da corrupção sobre a escolha do modo de entrada internacional e sobre o desempenho de subsidiárias de Empresas Multinacionais (EMNEs) de origem de economias emergentes operando em economias emergentes. Utilizando-se de uma abordagem quantitativa, com a técnica regressão em dados de painel para uma amostra de 657 subsidiárias de EMNEs, encontraram-se evidências sobre os impactos negativos da Corrupção no desempenho das subsidiárias de países emergentes operando em outros países emergentes. Além disso, o estudo aponta para o efeito moderador do modo de entrada Joint Venture (JV) para a relação entre corrupção e desempenho.

Palavras-chave – Corrupção; Modos de Entrada; Desempenho; Empresas Multinacionais; Países Emergentes.

¹ Fundação Universidade Regional de Blumenau — R. Antônio da Veiga, 140 – CEP 89030-903 – Blumenau (SC) – Brasil
Este é um artigo de acesso aberto, licenciado por Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), sendo permitidas reprodução, adaptação e distribuição desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

Abstract: Corruption, defined as the abuse of public power for private gain, has been the subject of theoretical and empirical studies in recent International Business literature. In order to contribute empirically to this topic, the purpose of this paper is to analyze the effects of corruption on the choice of international entry mode and on the performance of emerging MNE subsidiaries operating in other emerging economies. Based on a quantitative approach, and using the panel data regression technique for a sample of 657 Multinational Subsidiaries, we found evidence on the negative impacts of corruption on the performance of emerging country subsidiaries operating in other emerging countries. In addition, the study points to the moderating effect of the joint venture entry mode on the relationship between corruption and performance.

Keywords – Corruption; Entry Modes; Performance; Multinational companies; Emerging countries; Subsidiaries.

Introdução

As empresas tendem a enfrentar diversos tipos de riscos, particularmente quando operam em mercados externos. Este risco pode alcançar elevados graus de intensidade quando elas investem em países com um alto nível de corrupção (Lee & Hong, 2012). A corrupção, ou seja, o abuso do poder público para ganhos privados cria incerteza quanto aos custos de operar no país onde se pretende investir (Cuervo-Cazurra, 2006). Além disso, a corrupção age como um imposto irregular aos negócios, aumentando os custos e distorcendo os incentivos para justificar tal investimento (Mauro, 1995). O que pode comprometer significativamente o desempenho das empresas.

De ponto de vista econômico, a corrupção, na medida em que tende a aumentar os custos de transação e reduzir os incentivos ao investimento, contribui na redução do crescimento econômico do país (Cintra et al., 2017). No caso específico de mercados emergentes, onde o ambiente institucional é relativamente fraco, com um elevado grau de corrupção em comparação aos países desenvolvidos (Luiz & Stewart, 2014), a corrupção constitui-se num dos principais fatores de risco político e de estabilidade do ambiente.

Enquanto que tradicionalmente, os estudos sobre Investimento Direto Externo (IDE) têm se concentrado na avaliação dos efeitos da corrupção e risco político sobre empresas multinacionais de países desenvolvidos operando em países em desenvolvimento, o cenário relativamente recente do surgimento e crescimento dos fluxos de IDE oriundos de economias emergentes (Sauvant, 2008) demanda novas

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

abordagens e testes empíricos sobre tais relações. Observa-se que o número de EMN de países em desenvolvimento (EMNEs) aumentou significativamente nos últimos tempos (World Investment Report, UNCTAD, 2018, Cuervo-Cazurra, 2008) e o IDE está sendo cada vez mais adotado como uma estratégia chave de expansão de empresas de economias emergentes (Liu et al., 2016). A sua participação nos fluxos mundiais de IDE atingiu o patamar de 42% em 2018, embora com uma tendência decrescente em 2019 e nas perspectivas de 2020 (UNCTAD, 2020).

Porém, esta estratégia está associada a vários desafios complexos, devido à elevada exposição internacional, à concorrência e aos riscos dos ambientes de negócios adicionais presentes nos países de acolhimento de IDE. Os riscos ambientais nos países de acolhimento, como o risco político (controle da corrupção), representam incertezas e ameaças potenciais para as EMNs (Henisz, 2000; Liu et al., 2016), com impactos diretos sobre o desempenho de suas subsidiárias. Neste sentido, as decisões de investimento em países com certos níveis de risco podem influenciar o desempenho da própria EMN. Assim sendo, consideramos que no cenário do surgimento de novas tendências de IDE de economias emergentes, uma análise das relações entre o desempenho das subsidiárias de EMNs e o risco político de corrupção que elas assumem em seus investimentos no exterior representa um novo desafio para pesquisas em Negócios Internacionais (Jiménez & Delgado-García, 2012).

Uma revisão da literatura de Negócios Internacionais mostra que a pesquisa sobre como as EMNEs lidam com os riscos ambientais políticos e de corrupção quando operam em mercados externos é relativamente escassa (Liu et al., 2016). Autores procuraram avaliar o caso dos fluxos de IDE de origem da China nos países que incorporam a *Belt and Road Initiative* (RBI) com ambientes institucionais relativamente fracos (Sutherland, Anderso, Bailey, & Alon, 2020). Outros estudos procuraram discutir a relação direta entre desempenho e corrupção, especialmente no caso de investimento de empresas multinacionais que operam em economias institucionalmente com elevado índice de corrupção (Zyglidopoulos, Dieleman, & Hirsh, 2020).

Além disso, estudos procuraram avaliar os impactos da corrupção no país receptor do IDE e como influencia a relação entre matriz e subsidiárias de EMNs (Rabbiosi & Santangelo, 2019), a relação entre o grau de corrupção no país receptor de IDE e a probabilidade de subsidiárias de EMNs de países

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

desenvolvidos abandonarem a região (Sartor & Beamish, 2020). Para contribuir com este debate, entendemos que se faz necessário delinear o percurso dos riscos políticos ambientais para o desempenho da subsidiária das EMNEs, uma vez que estas empresas são provenientes de ambientes institucionais relativamente mais fracos, e podem responder aos riscos ambientais de forma diferente quando comparadas às EMNs de origem de países desenvolvidos (Luo & Tung, 2007).

Diversos estudos procuraram analisar o impacto da corrupção sobre a opção de entrada com participação de capital, na forma de *joint venture* (JV) ou uma subsidiária integral (WOS). Foram pesquisados diversos países, de economias em transição, emergentes e desenvolvidas. Os resultados apontam que quanto maior o nível de corrupção no país hospedeiro, as EMNs tendem a escolher o modo de entrada de JV ao invés de WOS (Demirbag, McGuinness, & Altay, 2010; Duanmu, 2011). Entretanto, Tekin-Koru (2006) encontrou que na existência de grandes diferenças entre o nível de corrupção dos países, as EMNs preferem o modo de entrada WOS.

Consideramos que tais estudos aportaram contribuições significativas para o tema de corrupção e EMNs. Entretanto, grande parte dos estudos tem focado no caso de empresas de origem de países desenvolvidos operando em países em desenvolvimento. Além disso, os estudos estão mais focados em analisar isoladamente os efeitos sobre desempenho e modo de entrada. Porém, a literatura é escassa em analisar de forma conjunta o impacto da corrupção no desempenho e nos modos de entrada das EMNs (Gleason et al., 2005).

Para contribuir com a discussão sobre esta temática, o presente artigo visa investigar as seguintes perguntas de pesquisa: Quais são os efeitos da corrupção no desempenho das subsidiárias de empresas multinacionais de origem de países emergentes? E em que medida, tais efeitos podem ser moderados pela escolha do modo de entrada? Deste modo, o presente artigo pretende contribuir com a literatura sobre empresas multinacionais de origem de economias emergentes de diversas maneiras. Primeiro, focamos a análise mais sobre as subsidiárias destas empresas multinacionais. Ou seja, procuramos entender os impactos da corrupção sobre o seu desempenho quando operando em outro país emergente. Por outro lado, procuramos verificar se existe um efeito moderador do modo de entrada na relação entre corrupção e desempenho.

Além da introdução, o artigo está organizado em mais quatro seções. Na seção dois, procuramos revisar a literatura de Negócios Internacionais sobre a relação entre corrupção, desempenho e modo de entrada e propor algumas hipóteses para discutir as nossas perguntas de pesquisa. Na seção três, apresentam-se os procedimentos metodológicos. Na seção 4, a estimação do modelo e discussão dos resultados. Na seção 5, apresentamos as principais conclusões do artigo.

Fundamentação teórica e Hipóteses

Embora existam várias definições do conceito de corrupção na literatura de Negócios Internacionais, refletindo o interesse preferencial sobre o tema (Cuervo-Cazurra, 2016), ela pode ser definida como o abuso do poder público para ganhos privados (Bardhan, 1997), e que tende a gerar incerteza e ampliar os custos de operação das empresas (Cuervo-Cazurra, 2006). A corrupção é amplamente vista como um dos problemas mais importantes nos países em desenvolvimento (Bardhan, 1997). Desse modo, o seu controle por parte dos governos tem uma influência significativa nas atividades de negócios internacionais (Wei, 2000; Cuervo-Cazurra, 2006). Embora a corrupção no país hóspede do IDE pode constituir-se numa barreira à entrada de EMNs, diversas empresas continuam a operar e investir em ambientes considerados mais ou menos corruptos (Tekin-Koru, 2006).

Entendemos que tal problema é particularmente controverso no caso de investimentos de EMNs operando em economias emergentes. Nestas economias, embora têm atingido elevado desempenho econômico e realizado reformas institucionais significativas, ainda persiste um ambiente institucional relativamente fraco com elevado grau de corrupção e instabilidade política (Cavusgil, Knight, & Riesenberger, 2010). Além disso, o problema torna-se particularmente desafiante quando se trata de empresas multinacionais de origem das economias emergentes. Tais empresas apresentam características que as distinguem das EMNs de países desenvolvidos, pois elas se originaram em um ambiente específico, que difere do contexto histórico, competitivo e institucional das EMNs de países desenvolvidos (Ramamurti; Singh, 2009). Deste modo, as empresas multinacionais de países emergentes (EMNE) devem lidar com a desvantagem de serem *latemovers* no mercado internacional. Ademais, elas precisam possuir

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

habilidades específicas para superarem obstáculos, tais como, a execução de projetos, o *networking*, lidar com a fraqueza institucional e a instabilidade política no país anfitrião (Aggarwal et al., 2011).

Percebe-se ainda que estas empresas têm se tornado importantes no cenário global, como apresenta o relatório de investimentos da UNCTAD (2016). Porém, há na literatura poucos estudos relacionados ou preocupados em analisar a corrupção e o IDE de EMNE (Luiz & Stewart, 2014), pois a maioria dos estudos concentra-se em analisar o caso de EMN de países desenvolvidos (Gleason et al., 2005). Também, identificamos que os estudos analisam os países desenvolvidos e os fatores específicos da empresa, sem considerar o ambiente institucional e os seus efeitos sobre o comportamento e as capacidades das EMNs (Geleilate et al., 2016). Mais especificamente, a revisão da literatura de Negócios Internacionais mostra que se sabe relativamente pouco sobre os mecanismos através dos quais os riscos ambientais afetam o desempenho da subsidiária da EMN (Liu et al., 2016b). Além disso, a pesquisa existente tende a concentrar-se em investigar como multinacionais de economias mais desenvolvidas, como os Estados Unidos, Europa e Japão, lidam com o risco ambiental quando operam em países de acolhimento (Elango, 2009). No entanto, poucos estudos examinaram como as EMNEs enfrentam esses riscos – como, por exemplo, o controle da corrupção - quando se aventuraram no exterior. Percebe-se então, que os riscos ambientais nos países anfitriões representam fatores-chave que afetam o desempenho subsidiário (Liu et al., 2016b).

Corrupção e Desempenho da subsidiária da EMNE

Os determinantes do desempenho da subsidiária estrangeira continuam a instigar acadêmicos e autores a pesquisarem sobre o tema (Kostova, Marano, & Tallman, 2016). Para examinar a influência dos fatores de localização sobre o desempenho, as pesquisas utilizam geralmente os seguintes indicadores sobre a localização: nível de desenvolvimento medido através do "Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*"; crescimento econômico mensurado através do "crescimento do PIB"; qualidade do ambiente institucional determinado por meio do indicador do Banco Mundial, "Escala Fazendo Negócios - *doing business score*" (Hansen & Gwozdz, 2015). Além disso, aspectos regionais são utilizados para explicar as

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

características regionais, como por exemplo, história e geografia do país (Makino, Isobe, & Chan, 2004; Hansen & Gwozdz, 2015).

Uma das questões mais debatidas na literatura de negócios internacionais (NI) gira em torno da investigação de como as empresas são capazes de colher os benefícios de suas atividades internacionais (Geleilate et al., 2016). As EMNs são confrontadas com ambientes institucionais variados (He & Cui, 2012). As atividades empresariais das EMNs são regidas e guiadas por uma série de regras e regulamentos em ambientes institucionais, tanto do país de origem, como do país de acolhimento (Scott, 2001). As características institucionais do país têm sido estudadas por especialistas em NI, que investigam as estratégias e o desempenho internacional das EMNs (Meyer et al., 2009).

Apesar de vários estudos que examinaram o desempenho das filiais de EMNs, não há consenso sobre a importância relativa dos fatores determinantes especialmente para operações em mercados emergentes (Demirbag, Tatoglu, & Glaister, 2007). Fatores específicos da firma e fatores específicos dos países de acolhimento foram analisados em alguns estudos (Makino, Isobe, & Chan, 2004; Demirbag, Tatoglu, & Glaister, 2007), particularmente, apontando o risco político como um dos fatores institucionais analisados nas pesquisas envolvendo o desempenho da EMN. Este fator é determinado pelas ações e políticas, tanto do governo do país de origem, como do país anfitrião (Akhter & Lusch, 1988). Miller (1993) enfatizou a importância da dimensão do risco político e das incertezas nas operações e desempenho das EMNs. O risco político pode ser entendido também como o controle da corrupção, assim analisado por alguns autores (Liu et al., 2016). Destaca-se, que assim como as oportunidades em países emergentes são altas, os riscos também o são.

As EMNs estão sendo influenciadas pela instabilidade institucional em seu processo de investir em economias emergentes (Grande & Teixeira, 2011). Desse modo, os aspectos institucionais do ambiente para a atividade do NI tornaram-se cada vez mais importantes para as EMNs, particularmente desde o advento da economia baseada no conhecimento e da globalização contemporânea (Cantwell, Dunning, & Lundan, 2010). O crescimento econômico no longo prazo é uma questão de desenvolvimento de instituições mais complexas para lidarem com as incertezas que surgem de formas mais complexas de

intercâmbio, envolvendo dois tipos de atores: de mercado e não-mercado (North, 1990; Cantwell, Dunning, & Lundan, 2010).

Há tradicionalmente na teoria dos NIs, tentativas para explicar o desempenho da subsidiária em termos das características da estratégia de entrada (Hansen & Gwozdz, 2015). Especificamente, analisa-se como a escolha entre a aquisição ou a entrada através do modo *greenfield* e/ou a escolha entre a entrada de controle total ou de *joint venture* (JV) se correlacionam com o desempenho (Meyer & Estrin, 2001). Por um lado, espera-se que as JVs e as aquisições afetem o desempenho positivamente quando comparadas com outras estratégias de entrada, pois tais estratégias de entrada proporcionam acesso a redes e recursos locais e ajudam a subsidiária a superar os riscos políticos (Henisz, 2000; Hansen & Gwozdz, 2015). Por outro lado, as JVs/aquisições podem contribuir para um menor desempenho no longo prazo, devido à falta potencial de ajuste estratégico, organizacional e cultural entre a empresa multinacional e a localização, mas, também, devido aos custos associados à coordenação e integração de entidades empresariais até então separadas (Geringer & Hebert, 1989).

Operar em um país com um alto nível de corrupção tende a restringir as oportunidades geradoras de lucros aumentando os custos de fazer negócios no país. Assim, num ambiente onde o nível de corrupção em um país de acolhimento é elevado, o desempenho do IDE tende a ser significativamente menor do que em países com um baixo nível de corrupção (Lee & Hong, 2012). De modo geral, entendemos que assim como apontam diversos estudos, que a corrupção reduz significativamente os fluxos agregados de IDE do país, particularmente na medida em que afeta o próprio desempenho da empresa (Uhlenbruck et al., 2006). Desse modo, apresenta-se a primeira hipótese a ser testada nesta pesquisa:

H1 – Quanto maior o grau de corrupção no país hospedeiro, menor o desempenho da subsidiária da EMNE atuando naquele país.

Embora, consideramos a corrupção como um dos fatores diretamente relacionados ao desempenho de subsidiárias de EMNEs, o risco institucional formal, especialmente a qualidade da Governança (Amal, 2016), representa também um quadro de análise importante em NI.

Esse se refere à instabilidade e ao conjunto de leis, regulamentos, procedimentos administrativos e políticas sancionadas formalmente pelo governo que afetam as subsidiárias da EMN (Cuervo-Cazurra,

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

2006; Liu et al., 2016) e é mensurada pelo Índice de Governança Mundial do Banco Mundial (World Bank, 2017).

Gugler et al., (2013) mostraram que boas instituições (mensuradas pelo Índice de Governança Mundial) estão associadas a um melhor desempenho das subsidiárias das EMNs (Gugler et al., 2013). Já Truong e Dam (2016) encontraram, com base nos dados empíricos, que uma maior estabilidade política e um melhor controle da corrupção aumentam o desempenho da subsidiária da EMN (Truong & Dam, 2016). Lahiri (2017), por outro lado, analisou como a qualidade da governança do país alvo, o potencial do mercado do país alvo e a experiência anterior do adquirente afetam a participação acionária nas aquisições transfronteiriças. No que tange aos resultados, o autor reforça a noção de que os parâmetros favoráveis de qualidade da governança permitem que as EMNs percebam a minimização do risco e a antecipação de um maior desempenho através das aquisições transfronteiriças (Lahiri, 2017).

Percebe-se assim, que a Qualidade da Governança pode impactar no desempenho da subsidiária de EMN. Desse modo, essa pesquisa busca examinar não apenas o risco ambiental informal – a corrupção, mas também como o risco ambiental formal – Qualidade de Governança afeta o desempenho das subsidiárias das EMNEs. Então, com base nas informações supracitadas, apresenta-se a segunda hipótese desse trabalho:

H2– Quanto maior o nível da qualidade de governança no país hospedeiro emergente, maior será o desempenho da subsidiária da EMNE.

Nesta perspectiva, entendemos que os impactos da corrupção e ambientes formais sobre o desempenho das subsidiárias de EMNEs podem ser influenciados ou moderados pela escolha do modo de entrada adotado pelo EMNE ao ingressar no país receptor do IDE (Hansen & Gwozdz, 2015). Na próxima seção procuramos discutir a relação entre corrupção e os modos de entrada, bem como, os modos de entrada podem interferir no desempenho da subsidiária da EMNE em ambientes caracterizados pela predominância de instituições fracas e altos índices de corrupção.

Corrupção e Modos de Entrada

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

A relação entre corrupção e escolha do modo de entrada de propriedade tem recebido menos atenção na literatura, quando comparado a outros aspectos (Duanmu, 2011). As EMNs constantemente têm a necessidade de avaliar as estratégias de entrada em mercados internacionais (Di Guardo, Marrocu, & Paci, 2016). A estratégia de entrada no mercado internacional é um plano abrangente que estabelece os objetivos, metas, recursos e políticas que orientam as operações de negócios internacionais. (Root, 1994).

Embora o padrão de propriedade (parcial ou total) no controle da filial poderá ter um impacto sobre o desempenho da EMN em mercados emergentes, o tema continua controverso e objeto de debate de várias correntes de NI. Tem sido argumentado que o desempenho é relativamente independentemente do modo de propriedade. Ou seja, tanto o modo de entrada de subsidiária integral (WOS), ou de Joint Venture (JV), os efeitos da corrupção sobre o desempenho não se mostraram estatisticamente significativos, sugerindo que não existe relação direta entre modo de entrada e desempenho (Demirbag, Tatoglu, & Glaister, 2007).

Entretanto, a corrupção entendida como uma instituição informal (Kouneva-Loewenthal & Vojvodic, 2012), tem sido apontada como um dos fatores importantes pelas EMNs para a sua tomada de decisão estratégica sobre o modo de entrada internacional, particularmente a escolha entre JV ou WOS (Di Guardo, Marrocu, & Paci, 2016; Uhlenbruck et al., 2006). Estudos anteriores investigaram diferentes dimensões das instituições do país (He & Cui, 2012), e utilizaram indicadores como a onipresença da corrupção, o estado de direito e o risco de expropriação e repúdio de contratos para avaliar a qualidade institucional e a influência nas atividades econômicas de um país (Keefer & Knack, 1997).

Demirbag, McGuinness e Altay (2010), utilizando os dados de 104 empresas turcas, que investiam nas economias de transição das repúblicas da Ásia Central (Azerbaijão, Cazaquistão, Turquemenistão, Uzbequistão e Quirguistão), utilizando-se de uma estrutura integrada de gerenciamento de riscos, como uma plataforma para investigar as percepções dos executivos sobre a incerteza ambiental nas decisões de modo de entrada, mostraram que em ambientes de maiores incertezas, as empresas preferem adotar modo de entrada de JV ao invés de WOS.

A literatura existente sobre as relações entre modos de entrada de IDE e a corrupção sugere que em ambientes com elevados índices de corrupção, a EMN tende a escolher o modo de entrada com baixo

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

envolvimento de capital, ou seja, parcial/JV com parceiros locais ou em alguns casos, modos de não associação de capital, nomeadamente a exportação e a contratação (Grande & Teixeira, 2011). Com bases nas informações supracitadas, emerge-se a terceira hipótese deste trabalho:

H3 – Quanto maior a corrupção existente no país hospedeiro, maior a probabilidade da EMNE escolher o modo de entrada parcial/JV ao invés do modo WOS.

Sabe-se que um dos determinantes para o desempenho da EMN são os fatores da estratégia de entrada. Existem na temática dos NI tentativas para explicar o desempenho da subsidiária em termos das características da estratégia de entrada (Hansen & Gwozdz, 2015). Nomeadamente, investiga-se como a escolha entre a aquisição ou a entrada através do modo *greenfield* e/ou a escolha entre a entrada de controle total ou de *joint venture* (JV) se correlacionam com o desempenho (Meyer & Estrin, 2001).

Estudos empíricos mostram também que as estratégias de modos de entrada têm impacto direto sobre outras decisões estratégicas e influenciam fortemente o desempenho da organização (Chen & Hu, 2002). Especialmente, tem-se pouco conhecimento sobre os mecanismos por meio dos quais os riscos ambientais afetam o desempenho da subsidiária da EMNE (Liu et al., 2016). Decisões sobre o modo de entrada são caras para reverter (Uhlenbruck et al., 2006) e, assim, têm implicações significativas para o desempenho de longo prazo, mesmo para grandes EMNs (Hill, Hwang, & Kim, 1990). Há vários fatores ao nível da empresa que afetam o modo de entrada, porém, ressalta-se a corrupção como um importante e independente fator de nível nacional influenciando o modo de entrada (Uhlenbruck et al., 2006).

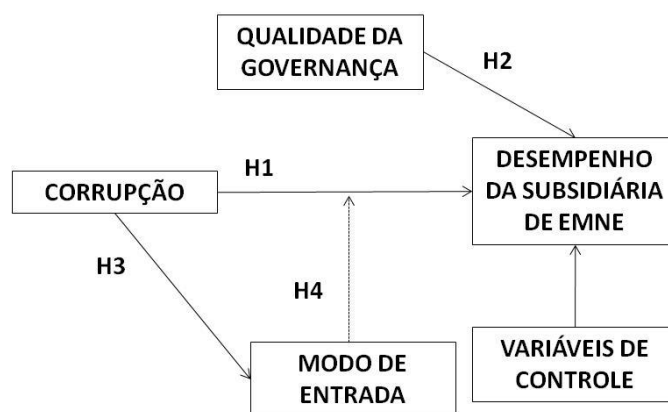
Observa-se que tem sido argumentado que o desempenho é relativamente independentemente do modo de propriedade, como ambos os modos de entrada, tanto a subsidiária própria (WOS) e quanto a *joint venture* (JV), poderiam igualmente obter os mesmos resultados (Demirbag, Tatoglu, & Glaister, 2007). Porém, evidencia-se que na literatura são poucos trabalhos relacionados ou preocupados em analisar a escolha do modo de entrada internacional na relação da corrupção e desempenho. Assim, busca-se testar os efeitos moderadores da escolha do modo de entrada na relação corrupção e desempenho de EMNEs. Portanto, apresenta-se a quarta hipótese a ser testada:

H4– A escolha do modo de entrada de JV modera positivamente a relação entre a corrupção e o desempenho de subsidiárias de EMNEs..

Na figura 1 apresentamos a proposta de modelo teórico com as respectivas hipóteses.

Figura 1.

Modelo Teórico



Método de Pesquisa

Para testar as nossas hipóteses, consideramos as empresas multinacionais de países emergentes que realizaram operações de IDE em outros países emergentes. Os mercados emergentes são extremamente voláteis, mas oferecem um potencial para compartilhar os estágios iniciais do crescimento econômico de um país (Mody, 2004). São países que oferecem altas taxas de retorno aos investidores privados (Zettelmeyer, Weder, & Klingen, 2004). Além disso, as características essenciais dos mercados emergentes - apoiados pela percepção popular e pelos dados - são o alto grau de volatilidade e o caráter de transição, com as transições ocorrendo em dimensões econômicas, políticas, sociais e demográficas (Mody, 2004). Nesse artigo, utilizamos a classificação dos países emergentes da UNCTAD.

No que tange a amostra, ela é composta por 657 subsidiárias de EMNEs e que operam também em países emergentes (Sul-Sul). As mesmas foram retiradas da base de dados ORBIS.. A nossa amostra é distribuída da seguinte forma: as subsidiárias operam em 11 países hospedeiros emergentes e são originárias de 28 países também emergentes. Evidencia-se que a China é o país com a maior quantidade de subsidiárias instaladas (249), e a Índia em segundo lugar com 185, totalizando 434 empresas hospedadas na Ásia e 223 na América Latina. Nela destaca-se a Colômbia por ser o país com a maior

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

quantidade de empresas hospedadas, totalizando 130. Esse é o país que tem a maior diversificação de países de origens das subsidiárias, essas 130 empresas têm origem em 19 países diferentes. Soma-se, que a maior parte das subsidiárias são originárias de Cingapura e da República da Coreia, correspondendo a 293 empresas. Destaca-se que o Brasil é o país de origem com a maior quantidade de empresas (48) da América Latina, e dessas, 20 estão hospedadas na Colômbia. Além disso, as subsidiárias brasileiras estão presentes em praticamente todos os países hospedeiros da amostra, com exceção da Venezuela.

Para avaliar os efeitos da corrupção sobre o desempenho de subsidiárias de empresas multinacionais, estimamos um modelo painel de regressão usando dados anuais de 2012 a 2015, para uma amostra de 657 subsidiárias. Na sequência, apresentamos o modelo para captar tais relações:

Equação 1:

$$DES_{it} = \beta_0 + \beta_1 CORRUPÇÃO_{it} + \beta_2 INSTITUIÇÕES_{it} + \beta_3 MODO_DE_ENTRADA_{it} + \beta_4 MODERADOR_{it} + \beta_5 CONTROLES_{it} + \varepsilon_{it}$$

Variáveis Dependentes

Neste estudo utilizamos o desempenho da subsidiária como variável dependente, considerada uma dimensão importante no estudo de NI (Glaister & Buckley, 1999). Em geral, o uso do ROA como indicador de desempenho da empresa é amplamente aceito na literatura dos NI (Gomez-Mejia & Palich, 1997). Neste contexto, alguns autores utilizaram-se deste indicador para mensurar o desempenho da EMN (Petrou, 2015). Outro indicador utilizado foi o ROE, que é calculado dividindo o lucro depois dos impostos pelo patrimônio líquido da empresa (Gleason et al., 2005). Este indicador também é habitual na literatura sobre o desempenho (Jiménez & Delgado-García, 2012). As informações foram coletadas na base de dados da ORBIS (2017).

Modo de Entrada (MEJV): Distinguimos entre dois tipos de modo de entrada de propriedade: JV e WOS. Assim, enquanto que WOS caracteriza uma situação na qual a EMN adquire 100% da subsidiária no país receptor do IDE (filial integral), JV é o modo de propriedade de entrada que caracteriza a situação na qual a EMN adquire parcialmente a subsidiária no país anfitrião, caracterizando, portanto, um controle parcial (Demirbag, McGuinness, & Altay, 2010; Duanmu, 2011). Portanto, a variável dependente

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

referente ao modo de entrada internacional é: JV e foi operacionalizada por uma variável *dummy*, onde JV recebeu o valor “1” e WOS o valor de “0”. A base de dados utilizada para a coleta dos dados foi a *Thomson Reuters SDC Platinum*. Ressalta-se que essa variável MEJV (Modo de entrada JV), também será utilizada como sendo uma variável independente, especificamente para a análise da Hipótese (H4) desse estudo.

Neste estudo não procuramos testar os efeitos do modo de entrada de estabelecimento: aquisição ou *greenfield*, por não possuir dados suficientes para a nossa amostra.

Variáveis Independentes

Como principal variável independente utilizamos a corrupção dos países hospedeiros para verificar o seu impacto sobre o desempenho das subsidiárias e o modo de entrada (H1 e H3). Foi utilizado o Índice de Percepção de Corrupção - *Corruptions Perception Index* (CPI) da *Transparency International* (2016), uma organização sem fins lucrativos que trabalha na investigação sobre a corrupção nacional (Gleason et al., 2005). O índice de percepção de corrupção é apresentado em uma escala de 0 a 100, indicando que os valores próximos de zero apontam para altos índices de corrupção, enquanto que valores que se aproximam de 100 apontam para baixos índices de corrupção e esse índice é atualizado anualmente (Transparency International, 2016). Optou-se por esta medida acompanhando vários estudos nos negócios internacionais que também se utilizaram deste indicador para analisar a corrupção (Lee & Hong, 2012; Di Guardo, Marrocu, & Paci, 2016).

Outra variável independente é Qualidade de Governança (WGI) que remete a H2: o Indicador da Qualidade de Governança foi construído a partir da média dos dados das dimensões supracitadas. O índice adota uma escala que varia entre -2,5 a 2,5, ou seja, quanto mais negativo o índice, pior é a Qualidade de Governança do país, e quanto mais positivo melhor é a Qualidade de Governança. A fonte de dados para a coleta dos indicadores é da *World Bank* (2017) na base de dados do “Indicadores de Governança Mundial (WGI)”. Diversos estudos utilizaram-se destes indicadores para avaliar tanto os determinantes do IDE (Amal, 2016), quanto do desempenho das EMNs (Gugler et al., 2013; Liu et al., 2016; Truong & Dam, 2016; Lahiri, 2017).

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

Variáveis de Controle

Utilizaram-se variáveis de controle com o objetivo de obter uma melhor compreensão da investigação entre a Corrupção, o Desempenho e a escolha do Modo de Entrada das EMNEs, pois é importante controlar potenciais determinantes que possam influenciar nessa análise. Assim seguindo outros estudos, as quatro variáveis de controle utilizadas foram:

Tamanho da empresa – Subsidiária (TAMANHO). Nesse trabalho essa variável é captada pelo total de ativos da subsidiária da EMNE.;

O Crescimento do Setor – (CreSetHOSP): utilizou-se essa variável para analisar as influências do crescimento do setor sobre o desempenho e esse indicador foi retirado da base de dados da OECD (2017).

O Crescimento do Produto Interno Bruto (CrePIB): os dados da taxa de crescimento do PIB dos países hospedeiros emergentes da amostra nos respectivos períodos analisados, utilizando como fonte de dados a base de dados da *World Bank* (2017).

O Tipo de atividade (DUMMYSET): para verificar se a empresa atua na Indústria de manufaturados ou nos setores de Serviço (Lahiri, 2017). Também utilizamos os dados do *World Bank* (2017).

Para testar a nossa hipótese H4, utilizou-se uma variável moderadora, com o objetivo de obter uma melhor compreensão da investigação de como a escolha do Modo de Entrada Internacional interfere na relação entre a Corrupção do país hospedeiro e o Desempenho das EMNEs. Desse modo, criou-se uma variável moderadora: ModME*CPI.

A técnica para a coleta de dados foi por meio de dados secundários, e evidencia-se que para toda a amostra, os dados das variáveis foram coletados anualmente. Para a análise dos dados, de modo geral, empregou-se a análise por meio da estatística descritiva, como média, mediana, mínimo e máximo, desvio padrão, e permitiu analisar os fatores que qualificam a amostra. Todos os dados foram normalizados, para posterior testes e estimações de modelos painel e de regressão logística.

O modelo teórico elaborado para a análise das Hipóteses (H1, H2 e H4), propôs que a técnica de dados em de painel se apresenta como a opção de técnica de análise estatística mais apropriada. Devido à

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

variável dependente (Modo de Entrada - MEJV) ser binária, decidiu-se utilizar a técnica estatística Regressão Logística (Corrar, Paulo, & Dias Filho, 2014) para testar a Hipótese (H3). Destaca-se, que se seguiu rigidamente os parâmetros e testes direcionados à utilização dessas técnicas estatísticas. Para os dados em painel utilizou-se o *softwareEviews 9.5 Student Version* e para a regressão logística o *softwareIBM SPSS Statistics 21 Student Version*.

Resultados e Discussões

Na tabela 1 apresentamos a estatística descritiva das variáveis do modelo de análise dos determinantes de desempenho das subsidiárias de EMNEs.

Tabela 1
Estatística Descritiva – 657 EMNE

	ROA	ROE	CPI	WGI	TAM	CreSET	CrePIB	DMSET
OBS	2274	2203	2628	2628	2368	2628	2624	2628
Média	4.43	8.68	38.73	-0.31	450625.1	12.38	5.92	0.59
Mediana	3.21	9.05	37.00	-0.29	42472.08	0.00	6.90	1.00
Máximo	98.91	813.81	74.00	1.12	3352073	38.65	8.01	1.00
Mínimo	-94.06	-731.54	17.00	-1.44	9.03	0.00	-3.76	0.00
DP	16.17	72.18	7.39	0.30	1926206	16.49	2.16	0.49

Fonte: elaboração do autor – Dezembro/2017 – Dados da Pesquisa. Legenda: OBS: Observações; DP: Desvio-padrão; TAM: Tamanho; DMSET: DummySET

Observa-se da Tabela 1 as informações para as 8 variáveis analisadas das 657 empresas da amostra em todo o período analisado. Desse modo, tem-se os dados relativos à média, mediada, máximo, mínimo e ainda o desvio-padrão. Devido à falta de algumas observações e dados sobre as variáveis, optamos por estimar nosso modelo usando a técnica de painel não balanceado (Gujarati & Porter, 2011).

Na Tabela 2 apresentamos a matriz de correlação das variáveis do modelo, no qual mostra-se que não há um risco de multicolinearidade entre as variáveis.

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

Tabela 2

Matriz de Correlação – 657 EMNE

	1	2	3	4	5	6	7	8
1 Desempenho ROA	1							
2 Desempenho ROE	0.636	1						
3 Corrupção CPI	0.007	0.010	1					
4 Tamanho da Subsidiária	-0.018	0.023	0.129	1				
5 Crescimento do Setor	0.111	0.074	0.000	0.000	1			
6 Crescimento do PIB	-0.024	-0.032	-0.200	-0.069	0.492	1		
7 Dummy Setor	0.046	0.001	-0.010	-0.091	0.501	0.259	1	
8 Qualidade de Governança	-0.012	-0.020	-0.079	-0.099	-0.055	0.318	-0.000	1

Fonte: elaboração do autor – Dezembro/2017 – Dados da Pesquisa.

Análise dos Modelos em Painel e Regressão Logística

Na tabela 3 apresentamos a estimação dos diferentes modelos que correspondem às hipóteses do estudo. Em todos os modelos estimamos as equações usando as variáveis dependentes de ROA e ROE..

Tabela 3

Resultados para as Hipóteses

Dependente	Modelo: H1		Modelo: H2		Modelo: H3	Modelo: H4	
	ROA	ROE	ROA	ROE	Modo de Entrada (MEJV)	ROA	ROE
	B-Sig-VIF	B-Sig-VIF	B-Sig-VIF	B-Sig-VIF	B - Sig	B-Sig-VIF	B-Sig-VIF
C	3.7127	-840.175	1734.548	-21.210	0,169	3605.290	7355.370
Corrupção: WGI	0.2072	0.8033	0.0000 20.445 0.0032	0.1983 -6.7461 0.5379	0,819	0.0005	0.1496
Corrupção: CPI	0.0298 0.6613 1.0115	1.7299 0.0660 1.3236	1.8243	2.1966	0,022 0,181	-0.7890 0.0289 2.4610	3.4642 0.3838 2.8433

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

Modo de entrada (JV) MEJV						-65.614	-260.625
						0.0851	0.1688
						6.4422	42.537
Moderadora MEJV*CPI						1.7087	7.2585
						0.0780	0.1458
Controles:						7.2482	45.202
TAMANHO	-1.89E-07	1.99E-06	-4.93E-07	6.50E-07	0,000	-5.67E-06	-1.22E-05
	0.4727	0.0014	0.0748	0.5757	0,639	0.0000	0.2093
	1.0222	1.0398	1.0460	1.0280		1.0447	1.1083
Crescimento do setor CreSetHOSP	0.1437	-0.2208	-0.4372	0.2541	0,003	-1.4953	-8.0623
	0.0003	0.6281	0.0039	0.2974	0,805	0.0053	0.0559
	1.4976	1.9589	2.0153	2.9800		4.2112	1.9358
Crescimento do PIB CrePIB	-0.3507	0.5283	-0.0667	-0.6820	-0,034	0.2732	-2.4632
	0.0570	0.4781	0.6233	0.4477	0,597	0.3556	0.2664
	1.1659	1.3241	1.6881	1.2489		1.1171	1.1375
Dummy Setor DMSET	-0.0001	0.6466	-1.4314	-0.0015	0,169	0.7277	-5.4579
	0.7897	0.8159	0.0000	0.5891	0,819	0.0005	0.1431
	1.3326	1.5236	2.7155	1.4245		4.26640	1.5421
Hausman	0.1228	0.0851	0.0065	0.5320		0.0002	0.0105
R- squared	0.0073	0.6989	0.7479	0.0059		0.7878	0.8445
DW	1.4601	2.0097	2.0943	1.3300		2.0304	2.2321
Prob	0.0052	0.0000	0.0000	0.0405		0.0000	0.0000
RSN					0,058		
QQO					10,651	0,059	

Fonte: elaboração do autor

Percebe-se que no Modelo 1, utilizando como variável dependente o ROE a variável corrupção – medida pelo índice CPI – foi estatisticamente significativa a 10% e com um coeficiente positivo. A variável corrupção é expressa em termos de uma escala de 0 a 100, sendo quanto mais elevado o índice, menor é

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

a percepção de risco no país. Assim, quanto maior a percepção de baixo risco num país, maior o desempenho da subsidiária, sugerindo que a Corrupção impacta negativamente no Desempenho das subsidiárias de países emergentes operando em países emergentes.

Desse modo, a partir dos achados nesses modelos, constata-se que há suporte empírico para a hipótese (H1), tal resultado segue alguns estudos que investigaram essa relação (Liu et al., 2016), porém, no contexto de EMNE operando em países desenvolvidos, e também, EMN de países desenvolvidos instaladas em países emergentes.

No que tange ao Modelo 2 que testa a hipótese (H2) - Quanto maior o nível da qualidade de governança no país hospedeiro emergente, maior será o desempenho da EMNE, observa-se nesse modelo, utilizando como variável dependente o ROA, a variável independente de qualidade de governança (World Governance Indicator- WGI) foi estatisticamente significativa à 1% e um coeficiente Beta positivo. Dessa maneira, entende-se que a Qualidade de Governança impacta positivamente no Desempenho das subsidiárias de países emergentes operando em países emergentes, sendo que quanto maior o nível da qualidade de governança no país hospedeiro emergente, maior será o desempenho da EMNE. Os achados do modelo apresentam evidências da importância da qualidade da governança no desempenho de EMNEs e suporte para a hipótese H2. Diversos estudos testaram o efeito do ambiente institucional formal e de qualidade de governança no desempenho de EMNs (Gugler et al., 2013; Truong & Dam, 2016). Entretanto, tais estudos procuraram avaliar tais efeitos sobre empresas multinacionais de origem de países desenvolvidos, operando em outros países desenvolvidos, ou em desenvolvimento. Nossos achados evidenciam uma tendência relativamente similar em termos de sensibilidade das empresas à corrupção e à qualidade de governança.

No Modelo 3, testou-se a hipótese (H3) - Quanto maior a corrupção existente no país hospedeiro, maior a probabilidade de escolha do modo de parcial/JV ao invés do modo WOS. Os resultados não apontam para uma relação estatisticamente significativa entre o modo de entrada de JV e nível de percepção da corrupção. A hipótese H3 não foi suportada. Destaca-se, que talvez os pressupostos da teoria que sustentam uma predominância de JV em ambientes de alta corrupção, podem ser verdadeiras quando

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

a aquisição é na relação entre países desenvolvidos em países emergentes, ou ainda, entre países desenvolvidos, mas não necessariamente quando é entre países de origem e destino emergentes.

No modelo 4 testamos a Hipótese (H4). Com base nos resultados apresentados na Tabela 3, nota-se nesse Modelo, que a variável Corrupção medida pelo indicador CPI foi estatisticamente significativa, mas apresentando uma correlação negativa. Por outro lado, a variável Modo de Entrada (MEJV) mostrou-se estatisticamente significativa, e apontando para uma relação positiva entre o modo de entrada Joint Venture e desempenho.. Além disso, o modelo aporta evidências sobre o efeito moderador do modo de entrada na relação entre corrupção e Joint Venture. Ou seja, os resultados sugerem que as EMNEs podem procurar amenizar os efeitos da corrupção sobre o desempenho através da escolha do modo de entrada JV, no qual as EMNEs atendem o mercado local por meio de acordos formais de sociedade com empresas locais, e, com menor comprometimento de recursos. Dessa maneira, entende-se que a moderação através do Modo de Entrada parcial/JV na relação Corrupção e Desempenho da subsidiária de EMNE tem um efeito positivo. Ou seja, se as EMNEs entrarem em um país hospedeiro emergente considerado com alto contexto de corrupção, por meio do Modo de Entrada parcial/JV, o impacto da corrupção tende a ser menor melhorando assim o desempenho da subsidiária. Além disso, a entrada via JV pode ser um mecanismo prudencial como uma estratégia para melhorar o Desempenho, reduzindo, assim, o efeito da corrupção.

Desse modo, a partir dos achados nesse modelo, constata-se que há suporte empírico para a hipótese (H4). Diante desses achados, comprova-se a suposição emergida pelos autores Hansen e Gwozdz (2015) que as parcerias em JV e aquisições devem afetar positivamente o desempenho quando comparadas com outras estratégias de entrada, pois tais estratégias de entrada proporcionam acesso a redes e recursos locais e ajudam a subsidiária a superar os riscos políticos (qualidade de governança) (Henisz, 2000).

Conclusão

Os objetivos desse artigo foram de analisar os efeitos da corrupção sobre o desempenho das subsidiárias de empresas multinacionais de países emergentes e sobre a escolha do modo de entrada internacional. Entende-se que os mesmos foram atingidos, pois através desse trabalho foi possível

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

constatar que a Corrupção impacta negativamente no desempenho das subsidiárias de EMNEs operando em países também emergentes, entretanto, tal relação pode ser moderada quando as EMNEs adotam o modo de entrada JV ao adentram em países emergentes. Além disso, essa pesquisa apresentou resultados para uma amostra eclética no que tange aos setores de atuação, diferenciando-se de trabalhos que se concentraram em um ramo de atividade específico, como por exemplo, o setor bancário analisado pelo autor Petrou (2015), que encontrou como resultado um efeito negativo da corrupção sobre o desempenho das filiais da EMN. Soma-se, que alguns estudos analisaram EMNs de um único país, como no trabalho dos autores Jiménez e Delgado-García (2012) que investigaram EMNs espanholas, e o estudo dos autores Luiz e Stewart (2014) que se concentraram exclusivamente no continente Africano.

Neste estudo procuramos superar as limitações de estudos anteriores. Primeiramente, a partir da coleta de dados de EMNEs operando em diversos outros países emergentes. Tal resultado proporciona uma maior condição de testar as nossas hipóteses. A nossa amostra é composta de atividades de subsidiárias de EMNEs operando em países na Ásia, África e América Latina, o que proporciona maior robustez em termos de diversidade institucional. Entendemos que nos estudos sobre NI é importante explorar tal diversidade. Entende-se, que nos mercados emergentes, embora possam existir instituições de governança, elas não têm necessariamente efeito regulador e eficácia no controle e compensação das imperfeições de mercado (Luiz & Stewart, 2014).

Percebe-se, especificamente nos países emergentes que a corrupção é uma instituição generalizada, gerando expectativas por parte das EMNs da necessidade de desenvolver suas atividades utilizando-se de mecanismos de suborno dos agentes tomadores de decisões políticas no país receptor do IDE (Cuervo-Cazurra, 2008). Com base nos achados desse estudo, nota-se que as debilidades institucionais dos países emergentes (Luiz & Stewart, 2014) como já citado nesse trabalho, a corrupção representa desafios substanciais para as empresas que desejam fazer negócios nesses mercados (Tan, 2009), particularmente, quando se trata das formas de lidar com seus efeitos e minimizar seus efeitos sobre o desempenho econômico e financeiro das subsidiárias (Liu et al., 2016).

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

Nosso modelo adota uma abordagem mais longitudinal, captando a mudança institucional das economias emergentes. Procuramos verificar, usando um modelo painel de dados, a dinâmica da qualidade de governança e seus efeitos sobre o desempenho de subsidiárias de EMNEs.

Os resultados da estimação do modelo geral apontam para uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a melhora da qualidade da governança e o desempenho das subsidiárias de EMNEs operando em economias emergentes (Gugler et al., 2013). Embora, estudos têm apontado que EMNEs possuem vantagens específicas para operar em mercados emergentes (Ramamurti & Singh, 2009; Cuervo-Cazurra, 2008; 2016), quando analisamos os dados das subsidiárias, percebemos um comportamento que se aproxima dos padrões de EMNs de países desenvolvidos. Na perspectiva do presente estudo, entendemos que as diferenças podem ser mais salientes quando das estratégias que empresas adotam para mitigar os efeitos da corrupção e de ambientes institucionais fracos. Deste modo, evidencia-se ser importante analisar as relações nos mercados emergentes de maneira indireta para obter-se uma melhor leitura do contexto desses países. Os resultados da estimação do modelo mostraram que, enquanto o modo de entrada pode não possuir efeito direto sobre o desempenho da subsidiária, contrariamente a estudos sobre o caso de EMNs de países desenvolvidos (Chen & Hu, 2002; Grande & Teixeira, 2011), o modo de JV pode ser adotado com uma estratégia de gerenciar os custos e efeitos negativos da corrupção. Modo de entrada de JV mostrou-se como um mecanismo de moderação positiva entre corrupção e desempenho da subsidiária.

Em suma, nossos resultados mostram que a Corrupção impacta negativamente no Desempenho das subsidiárias de países emergentes operando em países também emergentes, sendo que quanto mais presente a corrupção no país hospedeiro, menor será o Desempenho, corroborando assim, com a literatura existente de Negócios Internacionais. Contudo, entende-se que tal relação pode ser moderada quando as EMNEs adotam o modo de entrada JV ao adentram nos países emergentes. Portanto, esse estudo contribui para a literatura dos NIs no sentido de preencher a lacuna teórica existente, ou seja, aprofundar à análise dos impactos da corrupção no desempenho das EMNEs hospedadas em países também emergentes, bem como, a investigação do efeito moderador do Modo de Entrada JV, na relação Corrupção e o Desempenho subsidiário de EMNEs, apresentados nesse artigo.

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

Desse modo, o estudo colabora de maneira direta no modo de entrada de empresas multinacionais de países emergentes, adentrando em países também emergentes com ambientes institucionalmente fracos e com elevado índice de corrupção. Assim, essas empresas podem optar por entrar nesses países pelo modo JV para obterem um melhor Desempenho. Outra contribuição está associada ao uso da subsidiária como unidade de análise e não de dados agregados de desempenho das EMNs. Isso representa um dos diferenciais do estudo. Entendemos que modelos de análise dos determinantes de desempenho, particularmente, os modelos objetivando captar os efeitos do ambiente, devem avaliar os dados da própria subsidiária. Tal abordagem está em linha com as perspectivas de NIs que proporcionam fundamentos para o entendimento dos efeitos da Liability of Foreignness (LOF) (Zaheer, 1995) e da distância cultural e institucional sobre estratégias e desempenho de EMN e IDE (Kostova; 1999; Shenkar, 2001).

Em termos de implicações gerenciais, os resultados do presente estudo podem auxiliar a tomada de decisão de empresas na sua estratégia de escolha da localidade e de gerenciamento de suas atividades em função das diversas formas de risco e insegurança institucional quando operam em mercados emergentes. O presente estudo apresenta dois tipos de limitações. Primeiro, procuramos testar os efeitos da corrupção, usando um índice de percepção. Estudos futuros podem procurar outras formas de mensurar tal fenômeno, ou minimizar o viés que pode gerar na análise dos dados. Por outro lado, procuramos avaliar os efeitos moderadores da relação corrupção e desempenho utilizando o modo de entrada de propriedade, propriedade parcial ou integral (JV ou WOS). Estudos futuros podem procurar testar tais efeitos sobre o modo de estabelecimento (*greenfield* e aquisição). Além disso, em função da falta de dados, não conseguimos incluir variáveis de controle importantes, como a importância relativa da subsidiária nos ativos da matriz, ou variáveis relacionadas ao país de origem. Procuramos não incluir tais variáveis para evitar a discussão do tema da distância e diferenças entre os perfis institucionais dos países de origem e de destino. Mas, sugerimos que estudos futuros possam tentar relacionar país de origem e país de destino do IDE para captar a dinâmica através de modelos gravitacionais, por exemplo. Finalmente, em função da escassez de dados em nível da subsidiária, o horizonte de tempo usado é limitado para captar toda a dinâmica de mudança das instituições e da percepção de corrupção do investidores operando em economias emergentes.

Referências

- Aggarwal, R., Berrill, J., Hutson, E., & Kearney, C. (2011). What is a multinational corporation? Classifying the degree of firm-level multinationality. *International Business Review*, 20(5), 557-577. <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2010.11.004>
- Akhter, H., & Lusch, R. F. (1988). Political risk and the evolution of the control of foreign business: Equity, earnings and the marketing mix. *Journal of Global Marketing*, 1(3), 109-128. https://doi.org/10.1300/J042v01n03_06
- Amal, M. (2016). *Foreign direct investment in Brazil: Post-crisis economic development in emerging markets*. Academic Press.
- Bardhan, P. (1997). Corruption and development: a review of issues. *Journal of economic literature*, 35(3), 1320-1346.
- Cantwell, J., Dunning, J. H., & Lundan, S. M. (2010). An evolutionary approach to understanding international business activity: The co-evolution of MNEs and the institutional environment. *Journal of International Business Studies*, 41(4), 567-586. <https://doi.org/10.1057/jibs.2009.95>
- Cavusgil, S. T., Knight, G.; Riesenberger, J. R. (2010). *Negócios internacionais: estratégia, gestão e novas realidades*. São Paulo: Pearson.
- Chen, H., & Hu, M. Y. (2002). An analysis of determinants of entry mode and its impact on performance. *International Business Review*, 11(2), 193-210. [https://doi.org/10.1016/S0969-5931\(01\)00055-5](https://doi.org/10.1016/S0969-5931(01)00055-5)
- Cintra, R. F., Cassol, A., Ribeiro, I., & de Carvalho, A. O. (2017). Corruption and emerging markets: Systematic review of the most cited. *Research in International Business and Finance*, 45, 607-619. <https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2017.07.177>
- Corrar, L. J., Paulo, E., & Dias Filho, J. M. (2014). *Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia*. Editora Atlas.
- Cuervo-Cazurra, A. (2006). Who cares about corruption?. *Journal of international business studies*, 37(6), 807-822. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8400223>
- Cuervo-Cazurra, A. (2008). The multinationalization of developing country MNEs: The case of multilatinas. *Journal of international Management*, 14(2), 138-154. <https://doi.org/10.1016/j.intman.2007.09.001>
- Cuervo-Cazurra, A. (2016). Corruption in international business. *Journal of World Business*, 51(1), 35-49. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2015.08.015>
- Demirbag, M., Tatoglu, E., & Glaister, K. W. (2007). Factors influencing perceptions of performance: The case of western FDI in an emerging market. *International Business Review*, 16(3), 310-336. <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2007.02.002>
- Demirbag, M., McGuinness, M., & Altay, H. (2010). Perceptions of institutional environment and entry mode. *Management International Review*, 50(2), 207-240. <https://doi.org/10.1007/s11575-010-0028-1>

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

- Di Guardo, M. C., Marrocu, E., & Paci, R. (2016). The effect of local corruption on ownership strategy in cross-border mergers and acquisitions. *Journal of Business Research*, 69(10), 4225-4241. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2016.03.002>
- Duanmu, J. L. (2011). The effect of corruption distance and market orientation on the ownership choice of MNEs: Evidence from China. *Journal of International Management*, 17(2), 162-174. <https://doi.org/10.1016/j.intman.2011.01.003>
- Elango, B. (2009). Minimizing effects of 'liability of foreignness': Response strategies of foreign firms in the United States. *Journal of World Business*, 44(1), 51-62. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2008.03.012>
- Geleilate, J. M. G., Magnusson, P., Parente, R. C., & Alvarado-Vargas, M. J. (2016). Home country institutional effects on the multinationality–performance relationship: a comparison between emerging and developed market multinationals. *Journal of International Management*, 22(4), 380-402. <https://doi.org/10.1016/j.intman.2016.06.001>
- Geringer, J. M., & Hebert, L. (1989). Control and performance of international joint ventures. *Journal of international business studies*, 20(2), 235-254. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490359>
- Glaister, K. W., & Buckley, P. J. (1999). Performance relationships in UK international alliances. *MIR: Management International Review*, 123-147.
- Gleason, K. C., Malgwi, C. A., Mathur, I., & Owoso, V. (2005). Impact of perceived national corruption on the returns to US multinationals in transactions with foreign governments. *Review of Accounting and Finance*, 4(2), 26-58. <https://doi.org/10.1108/eb043422>
- Gomez-Mejia, L. R., & Palich, L. E. (1997). Cultural diversity and the performance of multinational firms. *Journal of International Business Studies*, 28(2), 309-335. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490103>
- Grande, M. V., & Teixeira, A. (2011). Corruption and MNCs' entry mode. An empirical econometric study of Portuguese firms investing in PALOPs. *Economics and Management Research Projects: An International Journal*, 1(1), 36-52.
- Gugler, K., Mueller, D. C., Peev, E., & Segalla, E. (2013). Institutional determinants of domestic and foreign subsidiaries' performance. *International Review of Law and Economics*, 34, 88-96. <https://doi.org/10.1016/j.irle.2013.01.003>
- Gujarati, D. N., & Porter, D. C. (2011). *Econometria Básica*. Porto Alegre: AMGH.
- Hansen, M. W., & Gwozdz, W. (2015). What makes MNCs succeed in developing countries: An empirical analysis of subsidiary performance. *The Multinational Business Review*, 23(3), 224-247. <https://doi.org/10.1108/MBR-06-2014-0020>
- He, X., & Cui, L. (2012). Can strong home country institutions foster the internationalization of MNEs?. *Multinational Business Review*, 20(4), 352-375. <https://doi.org/10.1108/15253831211286264>
- Henisz, W. J. (2000). The institutional environment for multinational investment. *The Journal of Law, Economics, and Organization*, 16(2), 334-364. <https://doi.org/10.1093/jleo/16.2.334>
- Hill, C. W., Hwang, P., & Kim, W. C. (1990). An eclectic theory of the choice of international entry mode. *Strategic management journal*, 11(2), 117-128. <https://doi.org/10.1002/smj.4250110204>

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

- Jiménez, A., & Delgado-García, J. B. (2012). Proactive management of political risk and corporate performance: The case of Spanish multinational enterprises. *International Business Review*, 21(6), 1029-1040. <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2011.11.008>
- Keefer, P., & Knack, S. (1997). Why don't poor countries catch up? A cross-national test of an institutional explanation. *Economic inquiry*, 35(3), 590-602. <https://doi.org/10.1111/j.1465-7295.1997.tb02035.x>
- Kostova, T., Marano, V., & Tallman, S. (2016). Headquarters–subsidiary relationships in MNCs: Fifty years of evolving research. *Journal of World Business*, 51(1), 176-184. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2015.09.003>
- Kouneva-Loewenthal, N., & Vojvodic, G. (2012). Corruption and its effect on foreign direct investment in the energy sector of emerging and developing economies. In *New Policy Challenges for European Multinationals* (p. 339). Emerald Group Publishing Limited. [https://doi.org/10.1108/S1745-8862\(2012\)0000007017](https://doi.org/10.1108/S1745-8862(2012)0000007017)
- Lahiri, S. (2017). The moderating influence of market potential and prior experience on the governance quality-equity participation relationship. *Management Decision*, 55(1), 2017. <https://doi.org/10.1108/MD-06-2016-0408>
- Lee, S. H., & Hong, S. J. (2012). Corruption and subsidiary profitability: US MNC subsidiaries in the Asia Pacific region. *Asia Pacific Journal of Management*, 29(4), 949-964. <https://doi.org/10.1007/s10490-010-9214-8>
- Liu, X., Gao, L., Lu, J., & Lioliou, E. (2016). Environmental risks, localization and the overseas subsidiary performance of MNEs from an emerging economy. *Journal of World Business*, 51(3), 356-368. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2015.05.002>
- Luiz, J. M., & Stewart, C. (2014). Corruption, South African multinational enterprises and institutions in Africa. *Journal of Business Ethics*, 124(3), 383-398. <https://doi.org/10.1007/s10551-013-1878-9>
- Luo, Y., & Tung, R. L. (2007). International expansion of emerging market enterprises: A springboard perspective. *Journal of International Business Studies*, 38(4), 481-498. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8400275>
- Makino, S., Isobe, T., & Chan, C. M. (2004). Does country matter?. *Strategic Management Journal*, 25(10), 1027-1043. <https://doi.org/10.1002/smj.412>
- Mauro, P. (1995). Corruption and growth. *The quarterly journal of economics*, 110(3), 681-712. <https://doi.org/10.2307/2946696>
- Meyer, K. E., & Estrin, S. (2001). Brownfield entry in emerging markets. *Journal of international business studies*, 32(3), 575-584. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490985>
- Meyer, K. E., Estrin, S., Bhaumik, S. K., & Peng, M. W. (2009). Institutions, resources, and entry strategies in emerging economies. *Strategic management journal*, 30(1), 61-80. <https://doi.org/10.1002/smj.720>
- Miller, K. D. (1993). Industry and country effects on managers' perceptions of environmental uncertainties. *Journal of International Business Studies*, 24(4), 693-714. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490251>

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

- Mody, Mr A. (2004). *What is an emerging market?*. International Monetary Fund, 2004. <https://doi.org/10.5089/9781451858907.001>
- North, D. C. (1990). *Institutions, institutional change and economic performance*. Cambridge university press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511808678>
- ORBIS. *Company information across the globe. Database*. Recuperado 04 julho, 2017, de: <https://orbis.bvdinfo.com/version-2017928/home.serv?product=OrbisNeo>
- Organisation for Economic Co-Operation and Development – OECD. *OECD Stat*. Recuperado 28 agosto, 2017, de: <https://stats.oecd.org/Index.aspx>
- Petrou, A. P. (2015). Arbitrariness of corruption and foreign affiliate performance: A resource dependence perspective. *Journal of World Business*, 50(4), 826-837. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2015.04.004>
- Rabbiosi, L., & Santangelo, G. D. (2019). Host country corruption and the organization of HQ–subsidiary relationships. *Journal of International Business Studies*, 50(1), 111-124. <https://doi.org/10.1057/s41267-018-0169-1>
- Ramamurti, R., & Singh, J. V. (Eds.). (2009). *Emerging multinationals in emerging markets*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511576485>
- Root, F. R. (1994). *Entry strategies for international markets*. New York: Lexington Books.
- Sartor, M. A., & Beamish, P. W. (2018). Host market government corruption and the equity-based foreign entry strategies of multinational enterprises. *Journal of International Business Studies*, 49(3), 346-370. <https://doi.org/10.1057/s41267-017-0115-7>
- Sartor, M. A., & Beamish, P. W. (2020). Integration-oriented strategies, host market corruption and the likelihood of foreign subsidiary exit from emerging markets. *Journal of International Business Studies*, 51, 414-431. <https://doi.org/10.1057/s41267-019-00297-7>
- Sauvant, K. P. (2008). The rise of TNCs from emerging markets: the issues. *The rise of transnational corporations from emerging markets: threat or opportunity*, 3-14. <https://doi.org/10.4337/9781848441460.00009>
- Scott, W. R. (2001). *Institutions and organizations*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Shenkar, O. (2001). Cultural distance revisited: Towards a more rigorous conceptualization and measurement of cultural differences. *Journal of international business studies*, 32(3), 519-535. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490982>
- Sutherland, D., Anderson, J., Bailey, N., & Alon, I. (2020). Policy, institutional fragility, and Chinese outward foreign direct investment: An empirical examination of the Belt and Road Initiative. *Journal of International Business Policy*, 3(3), 249-272. <https://doi.org/10.1057/s42214-020-00056-8>
- Tan, J. (2009). Multinational corporations and social responsibility in emerging markets: Opportunities and challenges for research and practice. *Journal of business ethics*, 86, 151-153. <https://doi.org/10.1007/s10551-009-0189-7>
- Tekin-Koru, A. (2006). Corruption and the ownership composition of the multinational firm at the time of entry: Evidence from Turkey. *Journal of Economics and Finance*, 30(2), 251-269. <https://doi.org/10.1007/BF02761490>

Corrupção, Modos de Entrada e Desempenho de Subsidiárias de Empresas Multinacionais de Países Emergentes

- Transparency International. (2016). *Corruption perceptions index 2016*. Recuperado 07 maio, 2017, de: https://www.transparency.org/news/feature/corruption_perceptions_index_2016
- Truong, B. M. T., & Dam, H. T. (2016). *Influence of host country institutions on subsidiary performance* (Master's thesis, BI Norwegian Business School).
- Uhlenbruck, K., Rodriguez, P., Doh, J., & Eden, L. (2006). The impact of corruption on entry strategy: Evidence from telecommunication projects in emerging economies. *Organization science*, 17(3), 402-414. <https://doi.org/10.1287/orsc.1060.0186>
- UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development). (2016). *World Investment Report 2015*. New York and Geneva: United Nations, 2016.
- UNCTAD. (2020). *World Investment Report, 2020*. Geneva: United Nations.
- Wei, S. J. (2000). How taxing is corruption on international investors?. *Review of economics and statistics*, 82(1), 1-11. <https://doi.org/10.1162/003465300558533>
- World Bank. (2015). *World Development Indicators 2015*. Recuperado 11 maio, 2017, de: <http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=2&series=NY.GDP.MKTP.CD&country=#>.
- Zaheer, S. (1995). Overcoming the liability of foreignness. *Academy of Management journal*, 38(2), 341-363. <https://doi.org/10.2307/256683>
- Zettelmeyer, Mr J., Weder, Ms B., & Klingen, Mr C. (2004). *How private creditors fared in emerging debt markets, 1970-2000*. International Monetary Fund. <https://doi.org/10.5089/9781451843033.001>
- Zyglidopoulos, S., Dieleman, M., & Hirsch, P. (2020). Playing the game: Unpacking the rationale for organizational corruption in MNCs. *Journal of Management Inquiry*, 29(3), 338-349. <https://doi.org/10.1177/1056492618817827>

Submetido:21/11/2019

Aceito:21/01/2021